



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**CULTURA DO ESTUPRO, MÍDIA E CRIANÇAS  
CELEBRIDADES: ESTUDO DE CASO MAISA SILVA E MC  
MELODY**

**CAROLINA DAMASCENO RAMALHO PEREIRA**

Rio de Janeiro

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**CULTURA DO ESTUPRO, MÍDIA E CRIANÇAS  
CELEBRIDADES: ESTUDO DE CASO MAISA SILVA E MC  
MELODY**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social – Jornalismo.

**Carolina Damasceno Ramalho Pereira**

**Orientadora: Profa. Chalini Torquato Barros**

Rio de Janeiro

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

PEREIRA, Carolina Damasceno Ramalho

Cultura do estupro, mídia e crianças celebridades: Estudo de caso  
Maisa Silva e MC Melody. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo),  
Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de  
Janeiro – UFRJ.

Orientadora: Chalini Torquato Barros

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Cultura do estupro, mídia e crianças celebridades: Estudo de caso Maisa Silva e MC Melody** elaborada por Carolina Damasceno Ramalho Pereira

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 08/07/2019

Comissão Examinadora:

Orientadora Profa. Chalini Torquato Barros  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom/UFBA  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas

Profa. Suzy dos Santos  
Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom/UFBA  
Departamento de Métodos e Áreas Conexas

Profa. Tatiane Leal  
Doutora em Comunicação e Cultura - ECO-UFRJ  
Instituto Nacional de Comunicação Pública em Ciência e Tecnologia - Fiocruz

Rio de Janeiro

2019

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais e irmão, meus grandes pilares e amores da vida;

Ao Felipe, pelo amor e carinho de sempre;

Aos meus amigos Juliana, Jonathas, Caroline, Gabriela, Anna Carolina, Romy e July, meus irmãos e parceiros de todas as horas;

A todos os professores que participaram da minha formação;

A Chalini Barros, pela afetuosa orientação;

A minha chefe, Ana Carolina, pelo apoio e exemplo de determinação;

A ECO-UFRJ, por ter sido a minha segunda casa nos últimos quatro anos.

PEREIRA, Carolina Damasceno Ramalho. **Cultura do estupro, mídia e crianças celebridades: Estudo de caso Maisa Silva e MC Melody**. Orientadora: Chalini Torquato Barros. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2019.

## RESUMO

Este trabalho ambiciona estudar os fenômenos da erotização e adultização da infância, desenvolvendo os estudos de caso das celebridades Maisa Silva e MC Melody. Este estudo também busca analisar e contextualizar termos importantes, tais como ‘cultura do estupro’, ‘dominância masculina’ e ‘pedofilia’. Através de dados divulgados por pesquisas nacionais, realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Dossiê Mulher (do Instituto de Segurança Pública), entre outros, este estudo expõe a realidade da violência contra a mulher e a criança. Ademais, são estudadas as representações do corpo feminino (infantil e adulto) nas mídias tradicionais e nas redes sociais (tidas como “novas mídias”). Por fim, são feitas análises de vídeos, notícias, polêmicas e publicações das redes sociais dos objetos de estudo. Os resultados do estudo de Maisa Silva e MC Melody comprovam que, de fato, a mídia pode atuar como potencializadora da cultura do estupro.

**Palavras-chave:** cultura do estupro, crianças celebridades, erotização infantil, Maisa Silva, MC Melody.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>A cultura do estupro como construção histórica .....</b>	<b>5</b>
<b>2.1</b>	<b>Patriarcalismo e dominância masculina .....</b>	<b>6</b>
<b>2.2</b>	<b>Como a cultura do estupro afeta as crianças .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>Mídia e cultura do estupro .....</b>	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>A representação do corpo feminino nas mídias tradicionais .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>A representação do corpo feminino nas novas mídias .....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>Estudo de caso Maisa Silva .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>Maisa Silva: Trajetória da artista na televisão brasileira .....</b>	<b>25</b>
<b>4.2</b>	<b>Uma análise sobre as redes sociais de Maisa Silva .....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>Estudo de caso MC Melody .....</b>	<b>32</b>
<b>5.1</b>	<b>MC Melody: Processo de celebrificação da artista por meio das redes sociais ....</b>	<b>32</b>
<b>5.2</b>	<b>Uma análise sobre as redes sociais de MC Melody .....</b>	<b>33</b>
<b>6</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>Referências .....</b>	<b>.....</b>

## 1. Introdução

Analisar a forma como as crianças são representadas na mídia é fundamental para entender os fenômenos da erotização e adultização da infância. Na contemporaneidade, artistas mirins demonstram comportamentos precoces, sendo retratadas, na maioria das vezes, de forma objetificada. Isto se dá de diferentes formas: através da representação da imagem pela TV, por discursos produzidos na mídia (por apresentadores de TV, artistas e *influencers*, por exemplo) e pelas imagens nas redes sociais.

A representação de crianças na mídia é um assunto pouco abordado por textos acadêmicos. Até então, foram realizados estudos sobre como as crianças – no papel de telespectadoras e consumidoras – são influenciadas pela indústria do entretenimento. No entanto, falta uma abordagem aprofundada sobre as crianças celebridades, aquelas que estão presentes nas mídias tradicionais e redes sociais, vulneráveis a situações de assédio e suscetíveis a julgamentos alheios.

O objetivo deste trabalho é identificar a existência da chamada “cultura do estupro” e, a partir daí, entender como ela interfere na vida de crianças – em especial, das celebridades brasileiras Maisa Silva e MC Melody. Tomando como base estes dois objetos de estudo distintos, é possível identificar (e denunciar) violências sofridas pelo público infantil. O trabalho ambiciona, desta forma, expor situações invasivas, criminosas e comprovar que as redes sociais podem funcionar como potencializadoras desses problemas – uma vez que deixam as crianças mais expostas e vulneráveis socialmente.

Para iniciar o estudo de como ocorre a erotização da infância, este trabalho abordará termos fundamentais, tais como cultura do estupro e pedofilia. Neste aspecto, demonstrar-se-á como a mulher, historicamente, sempre foi tida como submissa e inferior ao homem. Também será explicado como, nesta conjuntura de dominância masculina, a cultura do estupro se consolida e perpetua-se na sociedade brasileira. Para entender melhor tal ponto, este trabalho também abordará a estrutura do patriarcalismo e a sua construção histórica. Ademais, serão apresentados dados concretos – de pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Dossiê Mulher 2019 – apresentando números alarmantes sobre a violência contra a mulher e a criança.

O primeiro capítulo abordará, com a ajuda desses dados, a realidade da mulher brasileira e introduzirá o conceito “cultura do estupro”, tomando como base o artigo “A



Cultura do Estupro e os Novos Bárbaros do Patriarcado”, de Carla Garcia (2018). Neste ponto, a ideia é analisar como ocorre, de fato, essa designação de um papel submisso às mulheres adultas e, a partir daí, entender como o machismo interfere, desde muito cedo, na vida de meninas.

Ainda no primeiro capítulo, a autora tomará como base o estudo de Pierre Bourdieu (1999) acerca da dominância masculina, que será fundamental para a compreensão da cultura do estupro. O estudo de Jane Felipe (2006), por sua vez, fará a ligação com o universo infantil. Em seu artigo “Afim, quem é mesmo pedófilo?”, a autora mostra como a erótica infantil, por muitos anos, foi negada socialmente e como, com o tempo, ela foi sendo aceita e estudada (principalmente com a ajuda da psicanálise). Flores et al (2011). também contribuirá para a contextualização do tema, explicando como o fenômeno da Globalização influencia na forma que as relações sociais se realizam. Por fim, o episódio “Pedofilia” do *podcast* Mamilos também auxiliará na compreensão da violência sofrida pelo público infantil. Com análises de pesquisadores e profissionais da área da Justiça ou Saúde, será possível entender melhor o conceito de pedofilia e quais são os direitos da criança presentes na Constituição brasileira.

Já o segundo capítulo analisará o papel da mídia na perpetuação da cultura do estupro. A ideia é falar sobre como este fenômeno se dá nas mídias tradicionais – principalmente na televisão – e nas redes sociais, também tidas como “novas mídias”. Para tal, será citado o discurso da atriz israelense Natalie Portman, feito na “Marcha pelas mulheres” de 2018. Com o auxílio do estudo de Adriana Braga (2009) será possível entender como a cultura do estupro cria o efeito de medo e insegurança corporal em mulheres e meninas.

Ademais, serão analisadas propagandas e representações do corpo feminino (adulto e infantil) na televisão. Serão abordados os casos da Globeleza, que evidencia a objetificação do corpo negro, e peças publicitárias machistas da Skol. Estes exemplos serão fundamentais para mostrar como a mulher foi (e ainda é) representada de forma objetificada por muitos setores da mídia.

Para fazer a ligação com a imagem da “menina”, o estudo de Adriana Câmara (2007) será muito importante. Em seu artigo “Masculinidade heterossexual e pedofilização: apontamentos iniciais para um debate”, a autora explicará como as meninas, diferentemente dos meninos, são retratadas de forma sensual em muitas peças publicitárias. O artigo “Infância e erotização na sociedade de consumo: Análise da campanha

publicitária da marca cearense Couro Fino”, de Marina Maia (2015), funcionará como ótimo exemplo para a contextualização do tema.

O estudo de Jane Felipe e Bianca Guizzo (2003) também será importante para identificar a erótica infantil em diferentes plataformas da mídia. Prosseguindo no estudo, o livro “Mulher de papel”, de Dulcília Buitoni, será útil para explicar a construção da imagem da mulher, historicamente, em revistas e jornais brasileiros. Para fazer a ligação com o universo infanto-juvenil, o estudo mostrará como a revista *Capricho*, na década de 80, teve um papel relevante na representação da imagem da adolescente.

Ademais, a análise de Valerie Walkerdine (1999) em “A cultura popular e a erotização das garotinhas” será importante para entender, especificamente, como a erótica infantil pode ser encontrada em diferentes setores da mídia. Prosseguindo no estudo, o capítulo também abordará o universo da pornografia e a sua contribuição para a cultura do estupro, trazendo dados do Pornhub (grande site mundial de compartilhamento de vídeos pornográficos) e de estudos com dados e curiosidades da *deep web*.

Num segundo momento, serão citados os estudos de Zygmunt Bauman (1999) sobre modernidade líquida. A ideia é mostrar, rapidamente, como as relações sociais na atualidade são cada vez mais fluidas e superficiais, desenvolvidas na esfera virtual. Além disso, Vivian Moreira e Lucília Romão (2012), em “Discursos em Movimento: Considerações Sobre a Pedofilia e Pornografia Infantil na Rede”, atentarão para o fato de que as crianças ficam mais vulneráveis no chamado “ciberespaço”. Por fim, o estudo de João Freire (2017), no artigo “Correntes da Felicidade: emoções, gênero e poder Happiness Chains: emotions, gender and power”, será importante para reafirmar como o público, de fato, acaba se tornando uma espécie de juiz das emoções e postagens alheias nas redes sociais.

Já o terceiro capítulo apresentará o objeto de estudo Maisa Silva – a adolescente mais influente do Brasil e a que, em projeção mundial, possui o maior número de seguidores no *Instagram*. Após a apresentação de um pequeno panorama da trajetória da atriz, será feito um estudo das redes sociais de Maisa. Neste ponto, a ideia é denunciar e expor situações de assédios e comentários invasivos recebidos pela artista. Por meio de uma análise aprofundada, será possível reconhecer a cultura do estupro em detalhes do dia a dia da artista. Ademais, este capítulo revelará a postura de Maisa diante de assédios e diferentes situações, mostrando como são seus discursos e posicionamentos políticos.

O quarto capítulo, por sua vez, investigará as situações de assédio sofridas pela artista mirim MC Melody. Vale destacar que a cantora possui uma trajetória e postura midiática completamente distintas das de Maisa. Portanto, ao analisar as duas personagens, este estudo abrangerá diferentes reações e comportamentos relacionados à mesma problemática (a erotização infantil). Para entender melhor como ocorre a objetificação do corpo da cantora, serão analisados vídeos do *Youtube*, notícias e postagens das redes sociais de MC Melody.

Em suma, este trabalho será dividido em duas partes distintas e complementares: a primeira, mais densa e abstrata, construirá uma base histórica, trazendo a definição e a contextualização de termos importantes. Já a segunda (formada pela análise dos objetos de estudo), irá propor um debate mais descritivo e investigativo dos assédios sofridos pelas celebridades Maisa Silva e MC Melody.

## 2. A cultura do estupro como construção histórica

Durante a Primeira Onda Feminista (que se estendeu do final do século XIX até o início do XX), várias mulheres levantaram temas importantes sobre igualdade de gênero. Muitas conquistas vieram com o tempo: o direito ao voto, à propriedade privada, a abertura de escolas primárias para meninas e a criação de universidades abertas às mulheres, por exemplo. No entanto, mesmo em meio a conquistas importantes, ainda havia muita luta pela frente.

Um dos pontos mais discutidos historicamente pelas feministas – e que será um dos temas centrais deste capítulo – é a violência contra a mulher. Em especial, o que se denomina “cultura do estupro”, termo que será explicado e contextualizado mais adiante.

De acordo com Garcia (2018), o termo ‘cultura do estupro’ teria aparecido pela primeira vez nos anos 70 - abordado pelas feministas norte-americanas da chamada Segunda Onda Feminista. Foi justamente nessa época que muitas mulheres passaram a denunciar estupros e debater o assunto. O livro publicado em 1974 “Rape: The First Sourcebook for Women”, editado por Noreen Connel e Cassandra Wilson, trouxe relatos de estupros em primeira pessoa, o que chocou muitas pessoas na época – principalmente por trazer uma abordagem mais pessoal, contando histórias da vida real.

O debate de um tema muito importante – o estupro e a violência contra a mulher – começou a ganhar mais espaço nos debates da Segunda Onda Feminista. Garcia (2018) destacou que o estudo de Brownmiller (1975) foi importante para entender como a cultura do estupro tem relação direta com a construção social das ideias de masculinidade e feminilidade.

Brownmiller (1975) aprofunda o debate afirmando que a cultura norte-americana apoia o estupro (rape-supportive culture), pelo modo como define a sexualidade masculina como naturalmente agressiva. Para a autora, na cultura norte-americana, passividade inerente à sexualidade feminina não significa a ausência de desejo sexual, mas, que não caberia às mulheres serem agressivas ou assertivas na demonstração do mesmo, e dessa maneira nasceria a suposição (cultural) de que elas estão sempre disponíveis para o sexo, mesmo que não o digam (GARCIA, 2018, p. 12).

Nessa perspectiva, uma vez que a cultura define o homem como naturalmente agressivo e a mulher, por sua vez, como um ser passivo, ela naturaliza a ocorrência do estupro. Nesta lógica, quando a mulher não se posiciona quanto à relação sexual (seja

consentindo ou negando o ato), a ocorrência do sexo não é culturalmente considerada um estupro. Ou seja, quando a cultura norte-americana designa às mulheres um papel mais passivo, acaba também as diminuindo e tirando seus direitos como cidadãs.

A ideia de que existe uma dominação masculina e que, nesta conjuntura, é designado à mulher um papel socialmente submisso, é defendida pelo sociólogo Pierre Bordieu:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BORDIEU, 1999, p. 31)

Ou seja, a dominação masculina é construída por essa noção de que o homem é ativo e agressivo, enquanto a mulher cumpre um papel passivo e de submissão. Nesta lógica, também se pressupõe que o desejo feminino está ligado à dominação masculina – ou seja, existe a ideia, presente em nossa cultura, de que a mulher gosta de ser dominada. Esse tipo de pensamento, de certa forma, ajuda a legitimar a ocorrência de estupros e contribui para uma realidade na qual a mulher é vista como inferior.

## **2.1 Patriarcalismo e dominância masculina**

Analisando a história do Brasil, em especial, é válido destacar que a sociedade brasileira foi construída e organizada a partir do sistema patriarcal – na qual a estrutura familiar estabelecida pressupõe uma relação de poder: o homem é tido como “chefe da casa”, enquanto a esposa é coadjuvante, tendo um papel inferiorizado.

Nesse sistema histórico, a mulher é vista como propriedade do homem. E, justamente por existir esse pensamento enraizado, a violência doméstica sempre foi um problema que permeou a sociedade brasileira. De acordo com o Dossiê Mulher 2019, pesquisa realizada pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), 350 mulheres foram mortas no ano de 2018 no estado do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisa, “grande parte dos feminicídios (62%) e dos homicídios dolosos de mulheres (34,3%) ocorreram no interior de residência”. Além disso, atuais e ex companheiros representam 56,4% dos acusados dos

crimes de feminicídio. Ou seja, os crimes e as agressões acontecem principalmente no meio doméstico, partindo de atuais ou ex companheiros que se julgam “proprietários” da mulher<sup>1</sup>.

Essa relação de poder em que a mulher era propriedade do homem perdurou nas sociedades ocidentais civilizadas até a segunda metade do século XX. O homem poderia devolver a esposa para seu pai, caso comprovasse que ela não era mais virgem, podendo inclusive matá-la em caso de adultério. Isso se caracterizava como um direito legal do homem sobre a esposa. Em casos de violência sexual, somente seria punido o culpado se realmente este viesse a impedir que a mulher contraísse matrimônio. O que se julgava era a condição de “virgem”, que possibilitava à mulher ser escolhida por um homem para ser sua esposa e não a violência contra a mulher (IOP, 2009, p. 233).

Elizandra Iop (2009) fala justamente sobre a construção histórica da mulher como propriedade do homem. Ela conta que o estabelecimento da propriedade privada modificou as relações sociais de forma drástica. Constituiu-se uma estrutura de família patriarcal: o homem “poderoso”, detentor da propriedade, e a mulher como administradora da casa e dos filhos – sempre submissa à figura paterna.

Entender a construção da estrutura familiar e do papel da mulher historicamente é algo fundamental para desvendar um tema complexo como a cultura do estupro. Afinal, a hierarquia que existe entre os gêneros (com o homem em um status superior), é uma das principais causas de problemas como a violência doméstica. “Nossa cultura pode ser caracterizada como uma cultura do estupro porque a imagem de uma relação heterossexual está baseada no modelo da sexualidade masculina agressiva” (HERMAN, 1984, apud GARCIA, 2018, p. 13). Ou seja, a construção social do homem como naturalmente agressivo – o que se reflete nos relacionamentos amorosos heterossexuais – é um dos motivos para justificar a nossa cultura como “do estupro”.

Apesar de as conquistas feministas fazerem parecer que o patriarcado é uma estrutura ultrapassada, ele, na verdade, ainda se mostra profundamente enraizado nos valores e práticas compartilhados socialmente na atualidade. Mesmo com as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas – com as mulheres conquistando direitos, ocupando espaços públicos e atuando no mercado de trabalho –, o machismo

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/05/ISP\\_RJ\\_DossieMulher\\_2019.pdf](https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/05/ISP_RJ_DossieMulher_2019.pdf). Acesso em: 12 de maio de 2019

ainda persiste socialmente e pode ser percebido em pequenos comportamentos e acontecimentos do dia a dia.

Uma pesquisa realizada em 2014 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com apoio da ONU Mulheres, revelou que a população brasileira ainda é considerada patriarcal. O objetivo da pesquisa era medir a tolerância da sociedade brasileira em relação à violência contra as mulheres. A metodologia de pesquisa consistiu na aplicação de um questionário para homens e mulheres. Com o total de 3810 entrevistados, o estudo revelou alguns resultados impressionantes: 63,8% dos (as) entrevistados (as) concordam totalmente ou parcialmente com a frase “os homens devem ser a cabeça do lar”; 78,7% consentem que “em briga de marido em mulher, não se mete a colher”; 63% acham que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”; 58,5% dos entrevistados creem que “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros” e 74,7% discordam que “é da natureza do homem ser violento”<sup>2</sup>. Após analisar os resultados do questionário, o IPEA chegou a uma conclusão:

O ordenamento patriarcal permanece muito presente em nossa cultura e é cotidianamente reforçado, na desvalorização de todas as características ligadas ao feminino, na violência doméstica, na aceitação da violência sexual. A família patriarcal organiza-se em torno da autoridade masculina; para manter esta autoridade e reafirmá-la, o recurso à violência – física ou psicológica – está sempre presente, seja de maneira efetiva, seja de maneira subliminar.<sup>3</sup>

A pesquisa mostra que os brasileiros ainda têm um pensamento muito conservador com relação à família e, em especial, à mulher. Um ponto espantoso que a pesquisa revela é que, em casos de estupro, muitos culpabilizam o comportamento feminino pela ocorrência do crime. O fato de que 58,5% dos entrevistados concordam com a frase “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros” demonstra como a sociedade ainda enxerga a mulher como um ser submisso, que deve “se dar ao respeito”.

Seguindo essa lógica – e fazendo novamente um paralelo com o estudo de Garcia (2018) –, o homem seria um ser naturalmente violento que, ao encontrar uma mulher com o corpo exposto, por exemplo, já agiria de forma agressiva. Ou seja, a mentalidade é de

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf). Acesso em: 12 de maio de 2019

<sup>3</sup> Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf). Acesso em: 12 de maio de 2019

que nesse tipo de situação (em que a mulher não “se dá ao respeito”), ela é culpabilizada pela ocorrência do estupro. O homem não é responsabilizado por seu crime, uma vez que a culpa é delegada à mulher, que não teria tido o comportamento adequado.

Por conta de todos esses fatores históricos abordados – a existência, até os dias de hoje, de uma estrutura familiar ocidental predominantemente patriarcal, a construção de papéis sociais distintos (homem como “agressivo” e mulher como “passiva”), além de comportamentos cotidianos marcados pelo machismo – é possível identificar, de fato, a existência da chamada cultura do estupro.

## 2.2 Como a cultura do estupro afeta as crianças

Para esmiuçar esse tema de estudo e dar um passo a mais na compreensão sobre como ocorre a cultura do estupro na sociedade brasileira, é fundamental entender como a violência sexual afeta as crianças. De acordo com o Atlas da Violência de 2018 (estudo produzido pela IPEA), a polícia brasileira recolheu 49.497 registros de estupro em 2016. Sendo que 50,9% dos casos foram cometidos contra menores de 13 anos de idade, em 17% dos casos, as vítimas foram adolescentes e em 32,1% foram adultos.<sup>4</sup>

Esses dados demonstram como a violência contra a criança é uma realidade assustadora na sociedade brasileira. Mas, para entender o papel da criança socialmente, é importante fazer uma análise histórica, investigando a mudança da imagem da “criança” com o passar dos anos. Para tal, o ponto de partida será a sociedade burguesa do século XVIII e XIX, quando se acentuou a divisão de papéis entre gêneros, como aponta Flores et. al (2011). Neste contexto, a mulher era responsabilizada pelo cuidado do lar e da família. A partir de então, houve uma maior preocupação com as crianças – o que possibilitou uma nova representação da infância.

A análise de Felipe (2006) traz uma perspectiva semelhante à de Flores et. al (2011). A autora conta que foi a partir do século XVIII que foi constituída a natureza “infantil” das crianças:

Vistas como “inocentes, frágeis, imaturas, maleáveis, naturalmente boas, seres que constituem promessa de um futuro melhor para a humanidade”, precisavam agora de proteção do mundo adulto. Deste modo, se instalou uma intensa produção discursiva sobre a infância possibilitando, de certa

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/atlas-da-violencia-2018-criancas-sao-maiores-vitimas-de-estupro-no-pais-22747251>. Acesso em: 14 de maio de 2019



forma, a veiculação de uma imagem infantilizada e dessexualizada das crianças, de modo que elas deveriam ser protegidas de determinados conhecimentos, com destaque especial para as questões referentes ao sexo e à sexualidade (FELIPE, 2006, p. 204).

Segundo Jane Felipe, por muito anos “a erótica infantil foi invisibilizada ou mesmo negada” (FELIPE, 2006, p. 205) na sociedade. A ideia da criança como um ser ingênuo, inocente e assexual perdurou por muitos anos. Apenas com os escritos de Freud foi possível reconhecer a criança como um ser sexual (com desejos e vontades próprias). A ótica da psicanálise trouxe essa nova perspectiva de sexualidade infantil, que abalou a ideia de “inocência” veementemente construída, principalmente, pela moral cristã.

Voltando à análise de Flores et. al (2011), também é importante analisar como o fenômeno da Globalização afetou o comportamento infantil, os papéis sociais e a estrutura familiar. No contexto globalizado, o mundo se torna acelerado, com uma grande quantidade de conteúdos e informações circulando em escala global: as mídias se desenvolvem de forma expressiva e a televisão se mantém como grande influenciadora - ela dita comportamentos, posturas e molda valores. Neste meio, a própria estrutura familiar vai passando por transformações. O papel da mulher muda, já que, além de cuidar da família, ela também está inserida no mercado de trabalho. O divórcio torna-se algo recorrente e, por isso, é comum estruturas familiares formadas por mães solteiras e seus filhos.

Esta nova estrutura familiar deve ser levada em conta, por exemplo, para entender como a pedofilia ocorre nos dias de hoje. A pesquisa “Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014”<sup>5</sup>, que analisa dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Ministério da Saúde (MS), mostra como a violência de gênero é um problema muito grave no Brasil. Analisando dados entre o período de 2011 e 2014, a pesquisa chegou ao seguinte resultado:

69,9% das vítimas eram crianças e adolescentes; e mais de 10,0% das pessoas agredidas sofriam de alguma deficiência física e/ou mental. Observou-se, ao mesmo tempo, o aumento da proporção de casos de estupro coletivo, que, em 2014, responderam por 15,8% do total de casos, sendo esta proporção correspondente a 25,6% quando os autores eram desconhecidos da vítima. Outro dado estarrecedor mostrou que cerca de

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2313.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2313.pdf). Acesso em: 15 de maio de 2019

40,0% dos estupradores das crianças pertenciam ao círculo familiar próximo, incluindo pai, padrasto, tio, irmão e avô.<sup>6</sup>

Em suma, os números apontam como o estupro no Brasil acontece, majoritariamente, com crianças e adolescentes (constituíram 69,9% das vítimas no período de 2011 a 2014). Mas, além disso, um dos fatos espantosos e que merece atenção é que grande parte dos estupradores de crianças (40%) foram pais, tios, padrastos e pessoas próximas à família. Analisando mais a fundo esses dados, tem-se que, em casos de estupro de crianças de até 13 anos, em 30,9% dos casos, os agressores foram amigos ou conhecidos da família da vítima; em 12,5% das situações, o crime foi cometido pelo padrasto e, em 11,4%, pelo próprio pai.<sup>7</sup> Ou seja, a grande ameaça para crianças encontra-se dentro de casa, em pessoas tidas como “confiáveis” pela família. Em uma realidade brasileira na qual a estrutura familiar é composta predominantemente por mães solteiras e seus filhos – como confirmou Flores et. al (2011) em sua análise sobre o mundo global –, as crianças ficam mais vulneráveis a estupro e assédios.

Tendo em mente essa realidade – na qual a ameaça à criança acontece, na maioria das vezes, dentro de casa – é fundamental destacar a importância da escola para a formação e educação social. Desde muito cedo, como os dados apontam, crianças estão suscetíveis a abusos e assédios dentro da própria casa. Para evitar isso, medidas preventivas (como a educação sexual) tornam-se imprescindíveis. Ao mesmo tempo, por haver um desejo de manter a ingenuidade e inocência (postura que parte muitas vezes dos pais), temas como sexo e assédio não são abordados com o público infantil. Daí, surge o problema da falta de informação, pois quando a criança não é instruída, os abusadores podem agir de forma muito mais fácil.

O episódio “#123 – Pedofilia” do *podcast* Mamilos, apresentado pelas comunicadoras Juliana Wallauer e Cris Bartis, traz uma análise incrível sobre o assunto. Com 70 minutos de duração, o *podcast* dá voz a pesquisadores e profissionais que lidam com pedófilos e/ou crianças abusadas sexualmente: Rose Miahara, coordenadora de ensino no Centro de Referência às Vítimas da Violência (CNRVV) do Instituto Sedes Sapientiae; Yuri Giuseppe Castiglione, promotor da Vara de Infância e Juventude da Lapa; Caroline Marafiga, doutoranda em psicologia clínica, que atende pedófilos no sistema penitenciário;

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2313.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2313.pdf). Acesso em: 15 de maio de 2019

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2313.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2313.pdf). Acesso em: 15 de maio de 2019

Altay de Souza, pós-doutorando em neurociência pela Universidade de Toronto; Fernando Duarte, psiquiatra no Centro de Atenção Psicossocial e no Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

Durante o programa, são discutidos comportamentos e diferentes definições do que se entende como “pedofilia”. Para o psiquiatra Fernando Duarte, a definição é bem simples:

A pedofilia é uma parafilia - ou seja, um transtorno da preferência sexual. Ela é caracterizada pela preferência sexual por crianças, usualmente em idade pré-puberal. É diferente da definição da Justiça, que diz que a pedofilia é um crime, um ato. Quando a gente fala da definição da saúde, é simplesmente essa preferência sexual. Nem sempre isso resulta numa ação, em um ato de abuso de uma criança.<sup>8</sup>

O psiquiatra segue explicando o conceito de parafilia e o porquê de a pedofilia ser considerada uma doença que, como qualquer outra, pede um tipo de tratamento.

A parafilia pode ser qualquer interesse sexual fora do comum, não é toda parafilia que necessita de tratamento (...). No caso da pedofilia, obrigatoriamente tem uma violência envolvida - seja na forma de um ato, consumado com uma criança, seja na forma de pornografia com crianças. Pois estamos falando de crianças, que não têm maturidade ainda para decidir. Ou seja, tem sempre uma violência envolvida e, por isso, é sim considerado um transtorno e é, sim, passível de tratamento<sup>9</sup>.

Entender o conceito de pedofilia a partir da ótica da saúde é importante para desvendar, ao mesmo tempo, como a cultura do estupro se desenvolve na sociedade. Outro ponto importante é trazer um embasamento da Justiça quanto ao que é considerado estupro de menores. Para tal, é importante destacar que, segundo o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente, “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

No *podcast* sobre pedofilia, o promotor da Vara de Infância e Juventude da Lapa falou sobre a aplicação do crime de estupro contra menores na Lei brasileira:

É muito importante deixar claro que no Código Penal nós temos um delito que se chama estupro de vulnerável. O que é isso? O artigo 217 A

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR>. Acesso em: 20 de maio de 2019

<sup>9</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR>. Acesso em: 21 de maio de 2019

do Código Penal prevê que todo e qualquer ato sexual praticado com pessoa menor de 14 anos é estupro e ponto final. Quer tenha consentimento, quer não tenha consentimento<sup>10</sup>.

Ou seja, mesmo que a criança (menor de 14 anos) consinta com o ato sexual, o mesmo será considerado um estupro. Isso porque a Lei presume que há violência nesse tipo de relação, uma vez que a criança não tem condições de se defender ou entender por completo o que ocorre no ato sexual.

É importante entender as definições de pedofilia – tanto sob a ótica da saúde quanto da Justiça – para pautar o estudo sobre cultura do estupro e como ela afeta as crianças. Este é um problema que não pode ser esquecido e precisa ser investigado, cada vez mais, na sociedade brasileira. Para avançar no debate aqui proposto, o próximo capítulo analisará os papéis da mídia e da comunicação na construção da cultura do estupro, dando enfoque para a problemática da pedofilia.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/39IqvZCSC52QAehb4b4aaR>. Acesso em: 21 de maio de 2019

### 3. Mídia e cultura do estupro

É importante entender o papel e as responsabilidades da indústria midiática, da publicidade e das redes sociais para a construção (e perpetuação) da cultura do estupro. Ao analisar a vida de crianças celebridades, em especial, de meninas que são inseridas muito cedo no universo da fama, pode-se perceber como o destaque na mídia e a grande exposição (tanto nas redes sociais, quanto nas mídias tradicionais) deixam-nas mais vulneráveis a situações de assédios.

A atriz israelense Natalie Portman, por exemplo, conta que sofreu assédio de um fã ainda quando criança. Ela estreou no cinema aos 12 anos, em 1998, protagonizando o filme “O profissional”, ao lado do ator Jean Reno (na época com 50 anos). Na trama, a personagem Mathilda, vivida por Natalie, demonstra um comportamento típico de adultos, tais como fumar, usar roupas sensuais e falar palavrão. O filme, dirigido pelo britânico Tony Kaye, conta uma história de vingança, na qual a menina (interpretada por Natalie) pretende matar todos os homens que assassinaram seu irmão. Após a morte de toda sua família, ela se une a seu vizinho, o assassino profissional Leon (personagem vivido por Jean Reno) para também tornar-se uma assassina. Muitas vezes, a trama sugere um possível romance entre os dois, apesar da gritante diferença de idade. Em um trecho do filme, a personagem de Natalie confessa ser apaixonada pelo assassino Leon – mas o filme não chega a desenvolver esse relacionamento amoroso.

Em janeiro de 2018, a atriz chegou a falar sobre a experiência de assédio que viveu após o filme. No evento “Marcha pelas mulheres”, que ocorreu em Los Angeles, Natalie fez um pronunciamento contando que chegou a receber uma carta de um fã que relatava uma “fantasia de estupro” com ela:

Eu tinha 12 anos no set do meu primeiro filme, “O profissional”, no qual eu interpretei o papel de uma jovem menina que se torna amiga de um assassino de aluguel e que espera vingar o assassinato de sua família. Simultaneamente, a personagem descobre e desenvolve sua feminilidade, sua voz e seus desejos. Naquele momento da minha vida, eu mesma também descobria minha própria feminilidade, meus próprios desejos e minha própria voz. Eu estava muito entusiasmada quando, aos 13 anos de idade, o filme foi lançado e o meu trabalho e a minha performance artística foram reconhecidos. Eu estava entusiasmada quando abri a primeira carta de um fã: um homem me escrevia que sonhava em me estuprar. Uma rádio local organizou uma contagem regressiva para o dia do meu 18º aniversário, data a partir da qual se tornaria legal dormir comigo. Os críticos de cinema faziam referência, em seus artigos, aos

meus seios que nasciam. Eu entendi rapidamente, mesmo aos 13 anos de idade, que se eu me expressasse sexualmente, eu não me sentiria em segurança e que os homens se sentiriam autorizados a discutir e objetificar meu corpo, para meu grande desconforto. Então, rapidamente adaptei meu comportamento, rejeitei todos os papéis que tivessem uma cena de beijo, e falei dessa escolha deliberadamente em minhas entrevistas. Eu enfatizei o quanto eu gostava de livros, o quão séria eu era, que eu era culta e que me vestia de maneira elegante. Eu construí uma reputação de mulher puritana, conservadora, nerd, séria, na tentativa de que meu corpo fosse protegido e de que minha voz fosse escutada. Aos 13 anos de idade, a mensagem que nossa cultura passava era clara para mim, eu senti a necessidade de cobrir meu corpo e de inibir minha expressão assim como meu trabalho, para enviar minha própria mensagem ao mundo, de que eu era alguém digna de segurança e de respeito. A resposta à minha expressão, os pequenos comentários sobre meu corpo e os comentários deliberadamente ameaçadores serviram para controlar meu comportamento em um ambiente de terrorismo sexual. Um mundo no qual eu pudesse me vestir como eu quisesse, em que eu pudesse dizer o que eu quisesse e exprimir meus desejos da maneira que eu quisesse sem, com isso, temer pela minha integridade física ou pela minha reputação: esse seria o mundo em que o desejo e a sexualidade das mulheres poderiam se realizar plenamente (Tradução nossa).<sup>11</sup>

O relato da atriz é uma clara evidência de como as mulheres são afetadas, desde a infância, por uma cultura que naturaliza comportamentos invasivos, violentos e assédios sexuais. Pode-se perceber, no discurso de Natalie, que a atriz – após passar por uma experiência grave de assédio – decidiu mudar seu comportamento e postura profissional com o objetivo de proteger seu próprio corpo e sua integridade física/ emocional. Essa

---

<sup>11</sup> Do original: *Let me tell you about my own experience. I turned 12 on the set of my first film, The Professional, in which I played a young girl who befriends a hitman and hopes to avenge the murder of her family. The character is simultaneously discovering and developing her womanhood, her voice, and her desire. At that moment in my life, I too was discovering my own womanhood, my own desire, and my own voice. I was so excited at 13 when the film was released and my work and my art would have a human response. I excitedly opened my first fan mail to read a rape fantasy that a man had written me. A countdown was started on my local radio show to my 18th birthday, euphemistically the date that I would be legal to sleep with. Movie reviewers talked about my budding breasts in reviews. I understood very quickly, even as a 13-year-old, that if I were to express myself sexually, I would feel unsafe. And that men would feel entitled to discuss and objectify my body to my great discomfort. So I quickly adjusted my behavior. I rejected any role that even had a kissing scene and talked about that choice deliberately in interviews. I emphasized how bookish I was and how serious I was. And I cultivated an elegant way of dressing. I built a reputation for basically being prudish, conservative, nerdy, serious, in an attempt to feel that my body was safe and that my voice would be listened to. At 13 years old, the message from our culture was clear to me. I felt the need to cover my body and to inhibit my expression and my work in order to send my own message to the world: That I'm someone worthy of safety and respect. The response to my expression from small comments about my body to more threatening deliberate statements served to control my behavior through an environment of sexual terrorism. A world in which I could wear whatever I want, say whatever I want, and express my desire however I want, without fearing for my physical safety or reputation, that would be the world in which female desire and sexuality could have its greatest expression and fulfillment.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tXWHO14c88c&t=155s>. Acesso em: 23 de maio de 2019

realidade de dominância masculina, muitas vezes, desperta o sentimento de medo em mulheres, que, por sua vez, veem-se receosas de manifestar a própria sexualidade.

A relação da mulher com o próprio corpo não se reduz à auto-imagem corporal. A estrutura social desta relação está na interação, nas reações, na representação que um corpo provoca no outro e como essas reações são percebidas. As mulheres são objetos simbólicos das construções dos modos de enunciação de diferentes saberes constituintes da dominação masculina e o efeito dessa estrutura coloca a mulher em um estado perene de insegurança corporal (BRAGA, 2009, p. 6).

Seguindo esta lógica, a relação que a mulher constrói com o próprio corpo é resultado das interações e relações sociais – a dominância masculina e o efeito de “medo” criado faz com que, muitas vezes, haja esse estado de insegurança corporal. Ao mesmo tempo, percebe-se que muitas artistas contemporâneas (como é caso da Natalie Portman) posicionam-se como cultas e intelectuais justamente para quebrar a ideia de que a mulher é uma propriedade/ mercadoria/ objeto erótico para atender aos desejos do homem.

A relação que a mulher teve historicamente (e ainda tem) com o próprio corpo é algo que merece ser aprofundado neste debate. O patriarcalismo, em especial, sempre foi um sistema que diminuiu a mulher e submeteu a concepção do corpo feminino aos ideais masculinos. No entanto, as conquistas das lutas feministas, as transformações sociais, históricas e culturais que vieram com o passar dos anos permitiram que a mulher pudesse expressar, com mais liberdade, seus desejos e sua sexualidade. Não que isso significasse o fim da opressão, pois os ideais conservadores e machistas, a cultura do estupro (assim como a ideia de que o corpo da mulher é uma propriedade do homem) ainda existe na sociedade contemporânea. Afinal, como foi mostrado no capítulo 2 - na pesquisa de 2014 realizada pelo IPEA com apoio da ONU Mulheres<sup>12</sup> - a sociedade brasileira ainda pode ser considerada patriarcal e conservadora.

A mídia, por exemplo, tem um papel importante na perpetuação de padrões de beleza e na constituição “do que é” o corpo feminino. Através de propagandas, filmes, novelas e revistas, cria-se uma imagem ideal do corpo da mulher. Vale destacar que o sistema capitalista visa justamente a venda de produtos e ideias, estimulando o consumo acima de tudo.

---

<sup>12</sup> Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf). Acesso em: 23 de maio de 2019

A mídia impõe padrões estéticos, éticos e políticos, influenciando, cada vez mais, especialmente hoje em dia, a existência do sujeito, e atingindo, assim, a sua subjetividade por meio das suas mensagens. Ela usa as suas estratégias de “marketing” para criar desejos, anseios e angústias, a fim de que os sujeitos consumam o que ela lança no mercado (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 463).

Avançando na linha de raciocínio dos autores, “a mídia influencia no modo como o sujeito contemporâneo se percebe e se relaciona com o mundo, ou seja, a sua subjetividade e a sua maneira de pensar” (BORIS & CESÍDIO, 2007, p. 464). Logo, a mídia influencia diretamente na relação da mulher com o próprio corpo e na maneira de pensar de cada um.

Na publicidade, é possível encontrar inúmeras peças que objetificam o corpo da mulher. Por muitos anos, o mercado publicitário pautou-se, basicamente, em peças extremamente machistas – inicialmente, a mulher era representada na função de mãe ou dona de casa. Com o passar do tempo, na medida em que a mulher foi entrando no mercado de trabalho e ganhando mais espaço na sociedade, a representação feminina na publicidade passou a se basear na sensualidade, com um apelo mais sexual. “Com o tempo, alguns papéis foram “adicionados”: sexy, sensual, trabalhadora, bonita – justamente os papéis trabalhados pela publicidade através de suas representações” (SAMARÃO, 2007, p. 47).

Quando se trata de objetificar o corpo da mulher, as peças publicitárias de marcas de cerveja e bebidas alcoólicas entram bastante em destaque. A Skol, por exemplo, foi conhecida, por muitos anos, por retratar a mulher de forma extremamente estereotipada, como um mero objeto de prazer sexual do homem.

Em uma série de anúncios publicados entre os anos 2006 e 2008, a Skol usou a imagem do corpo da mulher de forma objetificada, passando a mensagem de que, com o corpo feminino, tudo ficava “muito melhor” para o homem. Como exemplo, destaca-se uma de suas campanhas publicitárias mais polêmicas, com peças formadas por duas fotos: na primeira, aparece uma mulher de costas, com uma canga amarela amarrada na cintura (como uma espécie de saia) olhando em direção ao mar; na segunda imagem, aparece a mesma foto, só que com um diferencial – há um rasgo circular na canga, bem na região da bunda da mulher, que fica totalmente exposta. Como legenda, aparecem nas duas fotos, respectivamente, as seguintes frases: "Se o cara que inventou a canga bebesse Skol, ela não seria assim."; "Seria assim.". Ou seja, a ideia literal transmitida pelo anúncio é de que o



corpo feminino é um mero instrumento de prazer para o homem – um objeto que pode (e deve) ser admirado.

Esse modelo de anúncio foi usado em muitas outras peças da Skol, seguindo o mesmo esquema de “duas fotos praticamente iguais” e o mesmo padrão de frase usado no modelo que foi citado acima. Na época, essa série de anúncios foi bem polêmica e amplamente criticada, principalmente, entre os grupos feministas.

Já quando se trata da representação infantil na publicidade (em especial, de meninas), pode-se perceber uma problemática semelhante – imagens de adolescentes sedutoras, com comportamentos adultizados, podem ser identificadas em muitos anúncios. Vale destacar que existe um senso-comum no Brasil de que “menina amadurece mais rápido que menino”. Tal frase, muitas vezes, é usada para justificar algum comportamento precoce, vaidoso ou até mesmo sexualizado de alguma menina (criança ou adolescente).

certamente as instâncias midiáticas reinventam uma criança para o consumo de seus produtos: as crianças não aparecem mais como inocentes e, principalmente, imaturas. Por exemplo, nas propagandas publicitárias os meninos entendem tudo de computadores, vídeo games e os sistemas digitais, e as meninas aparecem como pequenas mulheres provocantes, preocupadas com seus corpos, desfilando, fazendo poses e demonstrando que sabem bem o que querem no momento das compras (CÂMARA, 2007, p. 52).

A análise de Câmara (2007) destaca que, com o “império de consumo” contemporâneo, a concepção de infância transformou-se e passou a ser retratada de uma forma diferente pela mídia e publicidade. Enquanto os meninos são tidos como crianças “bobas” e pouco maduras, é designado à menina um papel mais adulto e vaidoso – as adolescentes devem se preocupar com a aparência, com maquiagens, cosméticos e até mesmo apresentarem um comportamento sensual.

Em muitas peças publicitárias, a imagem de “menina” é retratada de uma forma adultizada e sensualizada. No artigo “Infância e erotização na sociedade de consumo: Análise da campanha publicitária da marca cearense Couro Fino”, apresentado no congresso COMUNICON (Congresso Internacional em Comunicação e Consumo) 2015, a mestrandia Marina Maia analisa a campanha publicitária da marca cearense Couro Fino, veiculada no Dia das Crianças de outubro de 2013.

O foco do artigo é, basicamente, analisar três anúncios (voltados para o público feminino adulto) que apresentam a imagem da mesma menina de fralda - usando bijuterias,

saltos altos e passando maquiagem. O comportamento da criança é nitidamente retratado de forma adultizada e, como conclui a autora:

a criança, inserida artificialmente no universo adulto, percebe esse meio como “natural” e não como algo erotizado. Desse modo, a criança passa a considerar tais costumes como normais e, ao longo prazo, esta atitude irá levá-la a supor que pode se portar como um adulto (MAIA, 2015, p. 10).

A análise dessas imagens comprova a ideia de que a publicidade, muitas vezes, corrobora com a cultura do estupro, auxiliando na perpetuação da erotização e objetificação do corpo feminino – tanto de mulheres quanto de meninas.

### **3.1 A representação do corpo feminino nas mídias tradicionais**

Para avançar no debate de como a mídia representa o corpo feminino e intervém na sociedade, é importante entender a relevância da televisão na construção da cultura brasileira – ela é o principal meio de comunicação de massa e funciona, até hoje, como grande influenciadora, ditando comportamentos e moldando valores.

Quando se trata de representar a imagem da mulher, em especial, a televisão tem atuação significativa e influência cultural sem igual. Um exemplo de grande destaque é a *Globeleza* – personagem apresentada pela Rede Globo no período do Carnaval desde o início da década de 90. A *Globeleza*, que já é uma figura bastante conhecida no Brasil, é sempre representada por uma passista de samba negra, dançando nua e com o corpo parcialmente pintado de tinta e purpurina. Essa é uma das representações mais sexualizadas da mulher na televisão brasileira, servindo de exemplo de como o corpo feminino negro é ainda mais erotizado e objetificado que o branco.

No artigo “Corpo feminino, discursos, memória discursiva e identidades: Desfile das Escolas de Samba do Carnaval carioca”, o autor Danilo Pinto (2012) analisa como o corpo feminino fica ainda mais exposto e sensualizado no período do carnaval: “o corpo da *Globeleza* também se mostra como o corpo desejado, sensual, mulato e, claro, o corpo que samba. As medidas certas para o carnaval” (PINTO, 2012, p. 10).

Outro ponto importante a ser analisado é a erotização do corpo infantil por meio das imagens exibidas na televisão. No programa de TV “A cara do pai”, exibido pela Rede Globo em 2017, a atriz Mel Maia representou a personagem “Duda” ao lado do ator Leandro Hassum, que interpretou o papel de seu pai na trama. Em uma cena exibida no

primeiro episódio da série<sup>13</sup>, a personagem Duda dançava funk acompanhada de mais quatro amigas. O grande problema dessa cena foi a representação erotizada da dança – na qual as meninas reboavam sensualmente ao som da música “Bang”, da cantora Anitta. Em uma fração de segundos, a câmera dá close apenas na bunda das meninas. Apesar de ser uma cena sutil, ela demonstra como existe uma representação erotizada do corpo infantil.

Obviamente, não é só a “influência” das apresentadoras infantis ou da mídia televisiva brasileira que, nos últimos anos, tem incitado as crianças, especialmente as meninas, a desenvolverem aspectos relacionados à erotização e à sensualidade, bem como a se preocuparem excessivamente com a aparência. Não raro observamos propagandas e anúncios publicitários em que estão estampados corpos e rostos de meninas em poses sensuais e sedutoras. A infância aí representada nos remete a ideia de algo que pode ser “apreciado, desejado, exaltado, numa espécie de ‘pedofilização’ generalizada da sociedade” (FELIPE & GUIZZO, 2003, p. 124).

De acordo com Jane Felipe e Bianca Guizzo, existe uma “erótica infantil” veiculada em diversas plataformas da mídia: revistas, jornais, TV e propagandas, com o retrato de meninas sensuais e sedutoras. Outro ponto controverso que Felipe (2006) destaca é o fato de existirem inúmeras leis de proteção à infância – tal como a Lei Nº 12.978, instaurada em 2014, que classifica “como hediondo o crime de favorecimento da prostituição ou de outra forma de exploração sexual de criança ou adolescente ou de vulnerável”<sup>14</sup> – mas, ao mesmo tempo, haver a exposição e sexualização de corpos infantis pela mídia:

ao mesmo tempo em que se criam leis de proteção à infância, incentiva-se a exibição dos corpos infantojuvenis como objetos de desejo e sedução. Em especial a sociedade brasileira tem utilizado bastante essa prática de exibição dos corpos através de inúmeros mecanismos e artefatos culturais veiculados principalmente pela mídia (FELIPE, 2006, p. 208).

Na revista *Capricho*, por exemplo, que é voltada para o público feminino infanto-juvenil, são veiculadas matérias e propagandas que incentivam um comportamento sedutor. Foi na década de 80 que a *Capricho* se tornou uma revista mais voltada para o público *teen*:

Percebendo o grande crescimento da juventude como mercado consumidor – e a necessidade de um veículo mais apropriado à

<sup>13</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5973204/programa/>. Acesso em: 23 de maio de 2019

<sup>14</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L12978.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12978.htm). Acesso em: 23 de maio de 2019

adolescente – foi desenvolvido um novo conceito: “A revista da gatinha”, com a ajuda do publicitário Washington Olivetto, da DPZ, agência de propaganda responsável pela conta da Capricho. O reposicionamento aconteceu em maio de 1985: a publicação voltou-se para o público entre 13 e 20 anos e conquistou grande sucesso. Moda, beleza e comportamento formavam o tripé de conteúdo (BUIIONI, 2009, p. 130).

Dulcília Buitoni (2009) faz uma análise histórica da representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. Uma das representações citadas é “a gatinha e a beleza fundamental”, que fala justamente de como a temática da “sedução” para atrair os meninos passa a ser aplicada pela mídia para atingir o público feminino infanto-juvenil. Walkerdine (1999) também destaca que a representação erotizada de meninas pode ser encontrada em diversas plataformas: “Mas as imagens populares das garotinhas atraentes e sedutoras, ao mesmo tempo inocentes e intensamente eróticas, estão incluídas nos locais mais respeitáveis e mundanos: nos jornais tradicionais, nas revistas femininas, nos anúncios de TV” (WALKERDINE, 1999, p. 79).

É impossível falar sobre cultura do estupro e representação do corpo feminino sem citar o universo da pornografia. De acordo com uma matéria de 2016, publicada no portal “Globo.com”, o mercado da pornografia movimenta 400 milhões de reais por ano e “30% de todo conteúdo acessado na Internet é pornográfico”<sup>15</sup>. Considerada uma das indústrias mais bem-sucedidas em todo o mundo, a pornografia também é uma das principais responsáveis pela perpetuação da cultura do estupro e da submissão feminina. Na maioria dos filmes pornográficos, a mulher é retratada de forma objetificada, submissa, enquanto o homem é o centro da narrativa, o “protagonista”, a quem a mulher deve prover todo o prazer.

De acordo com o relatório de 2018 da Pornhub (um dos maiores sites do mundo de compartilhamento de vídeos pornográficos), o Brasil continua sendo um dos 20 países do mundo que mais acessam o site<sup>16</sup>. Além disso, entre os top 25 termos mais pesquisados no país, encontra-se a palavra *teen* (“adolescente”) – dado informado em uma pesquisa de 2015<sup>17</sup>. Outro dado assustador, divulgado por um estudo conduzido pela Universidade de

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2016/05/industria-de-artigos-pornograficos-movimenta-r-400-bilhoes-ao-ano.html>. Acesso em: 23 de maio de 2019

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>. Acesso em: 23 de maio de 2019

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/pornhub-brazil>. Acesso em: 23 de maio de 2019

Portsmouth, na Inglaterra, é o de que “83% do tráfego na deep web tem relação com pornografia infantil”<sup>18</sup>.

Dessa forma, a indústria pornográfica acaba sendo uma das maiores contribuidoras para a perpetuação da cultura do estupro, pois reforça a ideia de que a mulher deve ser submissa. Muitas produções pornográficas mostram cenas de sexo violentas, retratando a dominância masculina. Neste caso, o corpo da mulher é representado como um objeto sexual, usado para satisfazer o homem – ao mesmo tempo, fica subentendido que o sexo violento (no qual a mulher tem um papel submisso) é prazeroso para ambos os lados. Essa problemática só reforça ainda mais a ideia cultural de que o masculino é naturalmente agressivo e o feminino, passivo (BORDIEU, 1999).

### 3.2 A representação do corpo feminino nas novas mídias

O estudo das redes sociais (tidas como “novas mídias”) se faz cada vez mais necessário para a compreensão das sociedades contemporâneas. Com um caráter bem virtual, as interações humanas constroem-se, cada vez mais, no cenário *on-line* – em especial, nas redes sociais como *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*. Logo, para avançar no estudo de como ocorre a representação do corpo feminino, é fundamental tratar de como isso se dá nas novas mídias.

Tomando o conceito de modernidade líquida, explicado por Bauman (1999), as relações sociais nos dias de hoje são cada vez mais fluidas, superficiais e pautadas, principalmente, no ambiente virtual. O *Instagram*, em especial, tornou-se uma plataforma com bastante engajamento, na qual a comunicação se dá, principalmente, pela troca de imagens. Neste meio, as celebridades (tanto da TV, quanto do esporte e até mesmo da política) podem expor mais suas vidas privadas, momentos do dia a dia que, anteriormente, o público não tinha acesso. Na ferramenta “Stories” do *Instagram*, famosos publicam, por conta própria, fotos e vídeos em diferentes ocasiões: na academia, em viagens, em encontros com amigos, familiares e outros momentos íntimos que ficam disponíveis ao público.

Ao mesmo tempo, o *Instagram* vem se destacando como uma importante plataforma para a publicidade, tornando-se, cada vez mais, um meio no qual celebridades e

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/70985-estudo-80-navegacao-deep-web-relacionada-pedofilia.htm>. Acesso em: 23 de maio de 2019

*digital influencers* atuam como porta-vozes de diferentes marcas. Essa nova forma de relação entre publicadores e seguidores se assimila ao conceito de hermenêutica da intimidade, abordado por Mole (2007), tendo em mente que se propaga uma crença de que as devidas contas pessoais permitem o verdadeiro acesso ao íntimo da celebridade, mas não, necessariamente, configuram uma representação precisa de quem, de fato, está por trás das imagens.

Outro ponto que deve ser analisado é como ocorre o uso das redes sociais pelo público infantil. De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2017, conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), 85% da população brasileira entre 9 e 17 anos, em 2017, era usuária de Internet no país. Realizada anualmente, a pesquisa busca “entender a percepção dos jovens quanto à experiência e à segurança on-line, bem como delinear as práticas de mediação de pais e responsáveis relacionadas ao uso da Internet”<sup>19</sup>.

O problema da presença massiva de crianças nas redes sociais está no fato de que o ambiente virtual abre portas para crimes de pedofilia. De acordo com Moreira e Romão (2012), qualquer navegador pode “assumir diferentes máscaras, revelar seus desejos mais íntimos e até cometer crimes, que são chamados de “cibercrimes”” (MOREIRA & ROMÃO, 2012, p. 464). As autoras prosseguem a análise confirmando que redes sociais como o *Facebook*, de fato, tendem a aumentar a vulnerabilidade social do público infantil:

Isso nos permite inferir que o ciberespaço amplia a vulnerabilidade tanto das crianças como dos adolescentes principalmente, que podem contribuir para sua própria vitimização, pela forma como deliberadamente se expõem na web, por meio de redes sociais (Facebook, Orkut), blogs e salas de bate-papo, podendo ser ludibriados por adultos malintencionados, criminosos e pedófilos; sem deixar de acrescentar a circulação e o comércio da pornografia infantil na rede (MOREIRA & ROMÃO, 2012, p. 464).

Logo, as redes sociais tornam o corpo infantil ainda mais vulnerável – principalmente na rede social *Instagram*, que propõe o compartilhamento de imagens e momentos mais íntimos, como abordamos no início do subcapítulo. Artistas mirins, em suas redes sociais, tornam-se ainda mais expostas ao julgamento alheio – veem-se diante de um público que comenta e interage (de forma amigável ou não) como se fossem

---

<sup>19</sup> Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic\\_kids\\_online\\_2017\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic_kids_online_2017_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 23 de maio de 2019

íntimos. Em março de 2018, a atriz mirim Mel Maia (na época com 13 anos) teve seu corpo criticado no *Instagram*. A história começou logo depois que a atriz compartilhou uma foto de biquíni em sua página do *Instagram*. De acordo com o portal de notícias Vix:

A atriz logo foi alvo de uma série de comentários maldosos em relação a seu corpo: houve quem a acusasse de uso de Photoshop na foto, outros disseram que ela estava com excesso de gordura na perna, outros criticaram sua exposição e assim por diante.<sup>20</sup>

Em resposta às críticas que sofreu, Mel decidiu fazer uma segunda postagem no *Instagram* – desta vez, em formato de vídeo. Na imagem, ela aparece com o mesmo biquíni, de frente a um espelho de banheiro. Como legenda, a atriz colocou “Será que isso satisfaz vocês?”.

Este exemplo denota o grave problema da pressão estética que mulheres e meninas sofrem desde cedo. Apesar de ser apenas uma criança, Mel Maia já tem que lidar com as exigências de ter o corpo perfeito, sem a liberdade de ter uma infância livre desses julgamentos. Por se tratar de uma figura midiática, a pressão torna-se ainda maior, pois a expectativa predominante é a de que as atrizes devem estar sempre lindas e sensuais.

As plataformas para redes sociais e os sites de compartilhamento de vídeos não fornecem aos usuários a oportunidade de atuar, apenas, como confessando emocionais ou voyeurs das emoções alheias — permitem que eles se convertam, ainda, em analistas e juízes. Todos os participantes se consideram autorizados a arbitrar a legitimidade da reação emocional de outrem, a patrulhar as fronteiras dos afetos, disciplinando condutas dentro e fora do ciberespaço. Revelações e demonstrações públicas de afeição, tristeza, felicidade, nojo, pena ou rancor costumam suscitar, prontamente, mensagens solidárias, entusiásticos comentários aprovativos e veementes opiniões desfavoráveis (FREIRE, 2017, p. 75).

De acordo com Freire (2017), o público se transforma em uma espécie de juiz das emoções e das postagens alheias nas redes sociais – principalmente de celebridades, que estão sempre à mercê de julgamentos de seus seguidores. Quando se trata de artistas mirins, a mesma problemática se revela. Para abordar mais esse assunto, serão analisadas a seguir as redes sociais de Maisa Silva e Melody, duas jovens celebridades que têm destaque na mídia brasileira.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.vix.com/pt/comportamento/556445/atriz-de-13-anos-e-criticada-por-seu-corpo-e-alice-wegmann-a-defende-de-forma-linda>. Acesso em: 23 de maio de 2019

## 4. Estudo de caso Maisa Silva

Analisar o posicionamento de uma das artistas mirins mais influentes do mundo, sem dúvidas, é fundamental para a compreensão de como a cultura do estupro se estabelece na mídia. Neste capítulo, serão analisados *posts* e comentários publicados nas redes sociais de Maisa Silva, assim como polêmicas envolvendo a atriz que exemplificam os termos abordados nos primeiros capítulos.

### 4.1 Maisa Silva: Trajetória da artista na televisão brasileira

Maisa Silva nasceu em 22 de maio de 2002, na cidade de São Bernardo do Campo (SP). A jovem iniciou sua carreira na televisão aos três anos de idade, quando participou do Programa Raul Gil, na Rede Record. Depois, Maisa também teve uma pequena participação na Rede Bandeirantes, na qual ficou mais conhecida por dublar sucessos do grupo musical Rouge, da Wanessa Camargo e Ivete Sangalo. Desde então, a imagem da artista mirim é retratada de forma “adultizada”. Isto por conta do comportamento maduro da atriz, que sempre foi considerada uma menina “prodígio”, esperta e espontânea (termos usados por muitos apresentadores do SBT para descrevê-la).

Seu verdadeiro sucesso teve início em 2007, quando se transferiu para o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Lá, aos cinco anos de idade, virou apresentadora do programa Sábado Animado, atendendo aos telefonemas de crianças telespectadoras. No canal, Maisa também chegou a apresentar outros programas infantis, como o “Domingo Animado” e “Bom Dia & Cia”. Em 2008, ela participou do Programa Silvio Santos, em seu próprio quadro “Pergunte a Maisa”. A relação da artista mirim com o proprietário da SBT, Silvio Santos, sempre foi muito discutida nas redes sociais. Isto porque o empresário e apresentador sempre a tratou como adulta, fazendo comentários, por vezes, até mesmo intrusivos e pouco adequados para a idade de Maisa.

Em 2011, Maisa teve sua estreia como atriz na refilmagem da telenovela Carrossel, em que viveu a personagem Valéria Ferreira. Em 2015 e 2016, a atriz estreou nos filmes inspirados na telenovela: “Carrossel: O Filme” e “Carrossel 2: O Sumiço de Maria Joaquina”. Além de atriz e apresentadora, Maisa também é cantora, modelo e dubladora. Em 2009, ela lançou seu primeiro álbum musical “Tudo que me vem na cabeça”, lançado



pela gravadora Universal Music. Atualmente, ela apresenta o *talk show* “Programa da Maisa”, ao lado do humorista Oscar Filho, exibido semanalmente no SBT.

#### 4.2 Uma análise sobre as redes sociais de Maisa Silva

Para entender melhor a pressão estética que crianças celebridades sofrem na mídia e avançar no estudo de como a cultura do estupro afeta mulheres desde muito cedo, será feita uma análise das redes sociais de Maisa Silva, uma das adolescentes mais influentes em todo o mundo. No *Instagram*, ela ultrapassou a atriz britânica Millie Bobby Brown e, hoje, é a adolescente com mais seguidores na rede social (com mais de 24 milhões de *followers*). Por ser uma figura tão importante na mídia, o estudo sobre a artista se torna tão relevante para a Comunicação Social. Vale destacar que, por ser famosa desde os três anos de idade, a artista fica muito exposta a situações de assédio, problema que se intensificou ainda mais com as redes sociais.

Analisando sua página no *Instagram*, percebe-se que Maisa não tem uma postura sensual. Ela não posta muitas fotos vestindo biquíni ou roupas muito curtas. No geral, ela publica vídeos relacionados ao seu programa na SBT, fotos de viagens com seus amigos e registros de eventos que participa, como o “Meus Prêmios Nick 2018”, no qual Maisa foi apresentadora. No entanto, apesar de a artista não se posicionar de forma erotizada, ela recebe, desde muito cedo, mensagens de pedófilos e comentários desagradáveis em suas fotos nas redes sociais.

Como exemplo, em fevereiro de 2019, a atriz postou uma foto em seu *Instagram* sentada em um sofá vermelho, vestindo uma blusa de mesma cor. A legenda dizia “Vermelho em vermelho”. Após a publicação da imagem, a artista recebeu a seguinte mensagem de um adulto: “Maisa nossa você está um mulherão a se eu tivesse um sorte dessa de ter um mulherão desse do meu lado deitadinha do meu lado, sei lá se você quiser eu quero”. Maisa, então, respondeu através de um *tweet*: “Velho nojento, eu tenho 16 anos seu pedófilo”<sup>21</sup>. Além disso, a atriz também pediu a ajuda de seus fãs para denunciar o perfil do assediador: “Denunciem... É o que a gente pode fazer. O nojo que eu sinto é

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://br.starsinsider.com/celebrity/328285/maisa-silva-sofre-assedio-em-rede-social-e-rebate-autor-velho-nojento>. Acesso em: 2 de jun de 2019

maior que tudo. Ainda tenho esperança que esses monstros sejam pegos. Pior coisa ler esses comentários"<sup>22</sup>.

Quando recebe mensagens de assédio – tanto em sua conta do *Twitter*, quanto no *Instagram* ou *Facebook* – a atriz procura se manifestar publicamente e ratificar seu discurso contra o machismo. Em setembro de 2016, por exemplo, Maisa foi alvo de ataques em sua página do *Facebook*. Membros do grupo “Vai Chorar Mesmo (VCM)” fizeram comentários ofensivos em um post, insinuando que Maisa deveria fazer filmes pornográficos. Nos comentários, muitos fizeram referência à atriz Larissa Manoela e a outras crianças do elenco de *Carrossel* (na época, Maisa estreava o segundo filme da franquia): “me diz quando vc vai sair no xvideo para eu poder ir na estreia #VCM”; “Já pensou essa mina e a Larissa Manoela sendo bulinada pelo futuro kid bengala cirilo?! esse dia vai ser loko. #VCM”; “Se não tiver porno, com o Cirilo e a Maria Joaquina. Eu jogo mais um meteoro na terra pra acabar com tudo. #VCM”. Como resposta, Maisa desabafou em sua conta do *Twitter*: “O que é isso? Que a justiça veja isso, eu sou menor de idade e estão solicitando pornografia com o meu nome. Que absurdo, sério, esses monstros são humanos?”<sup>23</sup>.

Tais comentários destinados à Maisa (que, na época, tinha apenas 14 anos) podem ser considerados criminosos, pois estimulam a pedofilia e o estupro. Um ponto que merece ser destacado é que, apesar de passar por diversas experiências de assédio, a atriz sempre procura expor, denunciar e mostrar a sua indignação com as situações. Desde criança, Maisa se posiciona como uma figura forte, independente e empoderada. A atriz, inclusive, se considera feminista e toma para si discursos em prol da igualdade de gênero. Em uma entrevista que foi ao ar no dia 17 de junho de 2019, pelo programa “Conexão Repórter” do SBT, Maisa falou um pouco sobre como gostaria de ver mais mulheres empoderadas e crescendo juntas, umas com as outras:

A gente [mulheres] sempre cresce ouvindo coisas do tipo "se ele não está com você, é porque está com outra, você tem que ser a mais bonita, a mais charmosa". Eu acho isso muito negativo, exatamente essa questão da mulher-objeto. De a mulher ter que ser melhor que a outra mulher, em vez de poder crescer junto com ela. Isso faz parte do meu discurso, eu

<sup>22</sup> Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,maisa-pede-ajuda-a-fas-para-denunciar-homem-que-a-assediou,70001677463>. Acesso em: 18 de jun. de 2019

<sup>23</sup> Disponível em: <http://ego.globo.com/ego-teen/noticia/2016/07/maisa-silva-e-alvo-de-ataques-na-web-espero-que-paguem-bem-carro.html>. Acesso em: 18 de jun. de 2019

sempre falo sobre as minhas opiniões, principalmente em questão de empoderamento feminino<sup>24</sup>.

Em 7 de março de 2019 – um dia antes do Dia Internacional da Mulher – a apresentadora também fez o seguinte post em sua conta do *Twitter*: “tá chegando o dia das mulheres (sim, aquele dia em que os cara q assumem q dão bebida pra ter relação com a mina bebida falam que a gente deve amar e cuidar de todas as mulheres)”<sup>25</sup>. Maisa, de fato, tem uma postura combativa em situações de assédio e discursos favoráveis à igualdade de gênero. Por tomar para si essa luta, ela acaba se tornando porta-voz do feminismo para um público mais jovem, divulgando suas ideias e influenciando seguidores. É possível relacionar o papel midiático de Maisa com a definição de “influenciadores digitais” de Cristiane Silva e Felipe Tassarolo (2016):

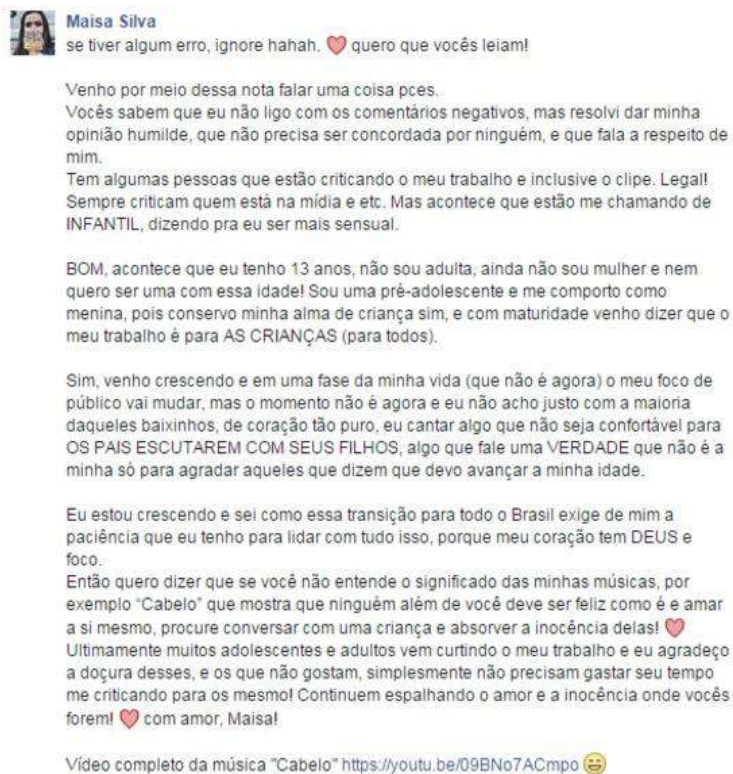
pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos e até mesmo criando conteúdos que sejam exclusivos. A exposição de seus estilos de vida, experiências, opiniões e gostos acabam tendo uma grande repercussão em determinados assuntos (SILVA & TESSAROLO, 2016, p.5).

As mensagens de assédio direcionadas à Maisa evidenciam como as redes sociais podem, sim, potencializar a pedofilia e a cultura do estupro. Além de receber comentários impróprios, Maisa também já foi criticada por seu “excesso de infantilidade” quando, em 2015, aos 13 anos de idade, lançou o clipe “Cabelo”, em parceria com Biel. Em resposta às críticas, a atriz fez o seguinte comunicado em sua página do *Facebook*:

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z24yrCrY0kI>. Acesso em: 18 de jun. de 2019

<sup>25</sup> Disponível em: <https://twitter.com/maisa/status/1103850036771934209>. Acesso em: 18 de jun. de 2019



**Figura 1**

**Fonte: Facebook Maisa Silva<sup>26</sup>**

Neste caso, a própria artista teve que lembrar a seus críticos de que a crítica por “excesso de infantilidade” seria totalmente infundada, tendo em mente que, de fato, ela era apenas uma criança. Tal situação apenas revela como muitas pessoas esperam – e, muitas vezes, exigem – uma postura mais sensual e adultizada de meninas. Este é apenas mais um exemplo da pressão midiática sofrida por crianças celebridades.

Para o melhor entendimento da construção da imagem e do atual posicionamento midiático de Maisa, também é fundamental falar sobre o relacionamento da jovem com Silvio Santos. O quadro “Pergunte a Maisa”, em especial, é um dos que mais merece destaque nessa análise. Ele foi ao ar no Programa Silvio Santos entre 2008 e 2009, sendo um dos maiores responsáveis pela rápida fama de Maisa.

Neste quadro – que era composto, basicamente, por diálogos entre Silvio e Maisa –, o apresentador fazia várias perguntas constrangedoras e invasivas à criança. Carneiro (2012) fez uma análise sobre o programa, identificando situações de desrespeito e constrangimento às quais Maisa era submetida. De acordo com a autora, o quadro violava os direitos da criança e mostrava-se como um entretenimento que atendia apenas aos

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=451084331755980>. Acesso em: 18 de jun. de 2019

interesses mercantilistas da empresa. Em um dos programas, por exemplo, Silvio chegou a falar para Maisa que a teria “comprado” de Raul Gil (apresentador da Band) por 35 mil reais, tratando-a como uma mera mercadoria. Em outra situação, o apresentador chegou a perguntar o que ela faria aos 10 anos, quando o público não “desse mais bola” para ela.

Neste quadro “Pergunte a Maísa” não havia diálogo. O apresentador detinha autoritariamente a orientação temática e a condução do diálogo, o que o aproximava de outros “diálogos” estudados por Rocco (1989, p. 181), permitindo asseverar que era, na verdade, uma “simulação” de diálogo. E, o que é pior: desrespeitava os direitos da criança à proteção, expressão e participação digna na mídia (CARNEIRO, 2012, p. 56).

Além das polêmicas envolvendo o quadro “Pergunte a Maisa”, outras situações constrangedoras – criadas por Silvio Santos envolvendo a artista mirim – ocorreram com o passar dos anos. Em 2017, por exemplo, o empresário convidou Maisa (então com 15 anos) e o apresentador Dudu Camargo (de 19 anos) para o Jogo das 3 Pistas, do Programa Silvio Santos. A ideia, de acordo com Silvio, era incentivar um relacionamento amoroso entre os dois. Durante todo o programa (exibido no dia 18 de junho de 2017), Silvio teve um comportamento machista, invasivo e constrangeu Maisa diante do público, insistindo que os dois jovens deveriam namorar: “Mas você já está com 15 anos e eu tenho notado que você não consegue arranjar namorado [...] o jogo foi uma situação que eu encontrei para aproximar vocês dois que são solteiros”<sup>27</sup>. Maisa se mostrou claramente desconfortável com a situação e negou pedidos para que desse um selinho ou dançasse com Dudu.

O caso foi tão polêmico que até mesmo o Ministério Público do Trabalho (MPT) entrou com uma ação civil pública contra o SBT. De acordo com o jornal O Globo, o MPT teria pedido a condenação da empresa e exigido uma multa de 10 milhões de reais por danos coletivos. A ação judicial correspondia a dois casos graves que ocorreram no SBT: o que envolveu Maisa e Dudu Camargo e a outro problema ocorrido durante o Programa do Ratinho. A matéria d’O Globo ainda falou da reação de Maisa, que teria desabafado nas redes sociais após o episódio: “Até quando as mulheres vão viver precisando aceitar tudo? Não é não!”<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YID88lQxvoQ>. Acesso em: 13 de jun. de 2019

<sup>28</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/sbt-processado-por-incidente-com-maisa-silva-dudu-camargo-21869115>. Acesso em: 13 de jun. de 2019.

Pode-se perceber que os assédios sofridos por Maisa não ocorrem apenas nas redes sociais. Como a análise aponta, desde pequena, a artista mirim passa por situações constrangedoras na televisão – criadas, principalmente, pelo apresentador Silvio Santos. A artista, no entanto, mostra-se ciente dos comentários machistas e invasivos que recebe, posicionando-se, nas redes sociais, de forma combativa contra a violência sofrida pelas mulheres.

## 5. Estudo de caso MC Melody

O caso de MC Melody é muito importante para a compreensão do fenômeno da erotização infantil na mídia. Apesar de a artista não ser tão influente quanto Maisa, seu estudo também é relevante para entender como as meninas são submetidas a assédios e pressões estéticas desde cedo. Vale destacar que Melody e Maisa têm históricos e posturas midiáticas totalmente distintos. Por isso, o estudo fica mais rico, uma vez que revela dois comportamentos diferentes diante das pressões midiáticas.

### 5.1 MC Melody: Processo de celebrificação da artista por meio das redes sociais

Gabriella Abreu Severino, mais conhecida como MC Melody, nasceu em 4 de fevereiro de 2007, na cidade de São Paulo. A fama da artista mirim, no entanto, não se deu pelas mídias tradicionais (como ocorreu com Maisa). Foi por conta de suas ações nas redes sociais que Gabriella tornou-se conhecida: em 2015, a menina ganhou visibilidade ao publicar em sua página do *Facebook* um vídeo cantando uma música de seu pai, MC Belinho.

A imagem de MC Melody estourou, de fato, apenas após a publicação de um vídeo no qual ela canta em falsete, tentando reproduzir uma música da cantora americana Christina Aguilera. O vídeo foi muito compartilhado nas redes sociais e, conseqüentemente, tornou-se um fenômeno de audiência. Devido ao sucesso deste vídeo, pode-se dizer que MC Melody passou por um processo de “celebrificação”. Tal conceito, estudado por Driessens (2012), explica o processo de transformação de pessoas comuns em celebridades. Após fazer mais vídeos e paródias, MC Melody anunciou, em 2016, que iniciaria uma carreira musical e, no ano seguinte, chegou a publicar canções inéditas.

Em junho de 2018, a artista também lançou o clipe da música “Vai rebola”, um dos maiores sucessos de sua carreira. Atualmente, o vídeo já conta com mais de 24 milhões de visualizações no *Youtube*. Além disso, MC Melody fez algumas parcerias com outros cantores de funk, como Vakeira Funk. Em agosto do mesmo ano, a artista lançou outro hit de sucesso, junto com sua irmã Bella Angel. O clipe “Tô bem, Tô zen”, produzido por Kondzilla, já tem mais de 127 milhões de visualizações no *Youtube*. Para aprofundar o estudo, imagens dos clipes de MC Melody serão analisados a seguir, assim como fotos e *posts* das redes sociais da artista.

## 5.2 Uma análise sobre as redes sociais de MC Melody

Diferentemente de Maisa, MC Melody sempre se portou de forma sensual, usando roupas decotadas, acessórios e maquiagens, que aparecem em fotos e vídeos publicados em suas redes sociais. Um dos pontos mais espantosos é que, já aos oito anos de idade, a artista mirim mostrava um comportamento nitidamente sensualizado. Em 2015, o Ministério Público chegou a abrir um inquérito para investigar a “sexualização” da artista. De acordo com uma matéria do G1.com, a investigação suspeitava de uma “violação ao direito, ao respeito e à dignidade de crianças”. Além disso, o inquérito afirmava que MC Melody tinha uma postura inapropriada para a sua idade: “canta músicas obscenas, com alto teor sexual e faz poses extremamente sensuais, bem como trabalha como vocalista musical em carreira solo, dirigida por seu genitor”.<sup>29</sup>

Para entender como a sensualização da imagem de MC Melody ocorria, de fato, é importante analisar os vídeos até então publicados pela artista mirim. No clipe “Fale de mim”<sup>30</sup>, por exemplo, publicado em 2015, Melody aparece vestida de forma adultizada: usando top, joias e maquiagem. Alguns *takes* do vídeo mostram apenas a cintura da artista rebolando de forma sensual. Esse tipo de imagem acaba sendo problemática, pois contribui para a objetificação do corpo da menina, deixando-a mais vulnerável para o ataque de pedófilos e “cibercriminosos”, como aponta Moreira e Romão (2012).

Em outro vídeo publicado em 2015, MC Melody aparece vestida com roupas justas, deixando a barriga à mostra e usando acessórios de adultos – cordão grande (aparentemente de ouro) e óculos escuros. Nas imagens gravadas, ela anuncia o lançamento de uma nova música, dança sensualmente e chega a cantar alguns trechos:

Fala mal mas adora meu jeito de ser; Tu queria ser eu, desculpa não vai poder; Melody só tem uma, não adianta imitar; Só porque eu tô na moda tu quer me copiar; Critica minha roupa; Fala do meu cabelo; Fala que eu sou feia; Mas tá no desespero; Teu recalque tá demais; Você tá me invejando; Tu vive falando mal; Mas no fundo tá me amando<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/04/ministerio-publico-abre-inquerito-sobre-sexualizacao-de-mc-melody.html>. Acesso em: 14 de jun. de 2019

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sng2vuJ59g>. Acesso em: 14 de jun de 2019

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PI7zeC6izvQ>. Acesso em: 14 de jun de 2019



Além da postura sensual de Melody, que destoava do esperado para a sua idade, as letras de grande parte das músicas também soam inapropriadas. As temáticas das canções não têm relação alguma com o universo infantil, pois falam geralmente sobre romance ou sobre o físico da própria cantora. Nos versos transcritos acima, por exemplo, destaca-se o trecho “Tu vive falando mal, mas no fundo tá me amando”, que parece insinuar que uma terceira pessoa estaria invejando o corpo e as características físicas da cantora. O mais espantoso, no entanto, continua sendo a idade de Melody – apenas com oito anos de idade, já mostrava um comportamento sensualizado e cantava músicas com temática adulta.

Além de anunciar músicas próprias, MC Melody também chegou a publicar vídeos cantando *covers* e paródias de músicas de sucesso do funk brasileiro. Em 2016, por exemplo, a cantora mirim publicou um *cover* “versão falsete” da música Metralhadora, da Banda Vingadora<sup>32</sup>. No vídeo, Melody aparece com mais duas meninas (uma delas é sua irmã Bella Angel) dançando sensualmente em um cenário com árvores ao fundo. Apesar de ser um vídeo curto (com apenas 49 segundos de duração), ele chama atenção por conta da dança sensual das meninas.

As principais críticas relacionadas à erotização da MC Melody são direcionadas ao pai da cantora, o também cantor de funk MC Belinho. Responsável por administrar a carreira das filhas, Belinho foi acusado de incentivar o comportamento sexualizado identificado nas crianças. Em um vídeo bem polêmico de 2015<sup>33</sup>, MC Belinho aparece cantando em um show. Em certo momento, ele convida sua filha, MC Melody, para subir ao palco e dançar ao lado dele. A menina, então, sobe ao palco e começa a rebolar até o chão. Em certo momento, ela abre um espacate (movimento em que as pernas ficam totalmente abertas, paralelas ao chão, formando um ângulo de 180 graus) e fica “quicando” ao ritmo da dança.

O mais impressionante do vídeo é o nível de sensualidade da dança de Melody, assim como a naturalidade do pai ao observar a filha durante a apresentação. Nos comentários do vídeo no *Youtube*<sup>34</sup>, muitas pessoas mostram-se indignadas e responsabilizam o pai pela situação. Seguem algumas das publicações: “Gente eu acho que o pai da Melody deveria ser processado por estar expondo a menina para um bando de marmanjo o pai dela não quer o bem da filha o pai dela só quer dinheiro gente”; “Isso é NOJENTO! E também muito triste. Infância roubada. Um prato cheio pra pedófilos. E hoje

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3f0IV3E5VOI>. Acesso em: 15 de jun de 2019

<sup>33</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sUL\\_TwVA3uE](https://www.youtube.com/watch?v=sUL_TwVA3uE). Acesso em: 15 de jun de 2019

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sUL\\_TwVA3uE](https://www.youtube.com/watch?v=sUL_TwVA3uE). Acesso em: 15 de jun de 2019

em dia, com 11 anos a menina parece ter 25 e está super vulgar. Que nojo da família dela”; “Esse pai tem demência ele tá falando pra ela fazer isso ele só quer dinheiro”.

Vale destacar que, no processo de inquérito realizado pelo Ministério Público em 2015, MC Belinho foi citado como negligente, acusado de não cumprir o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

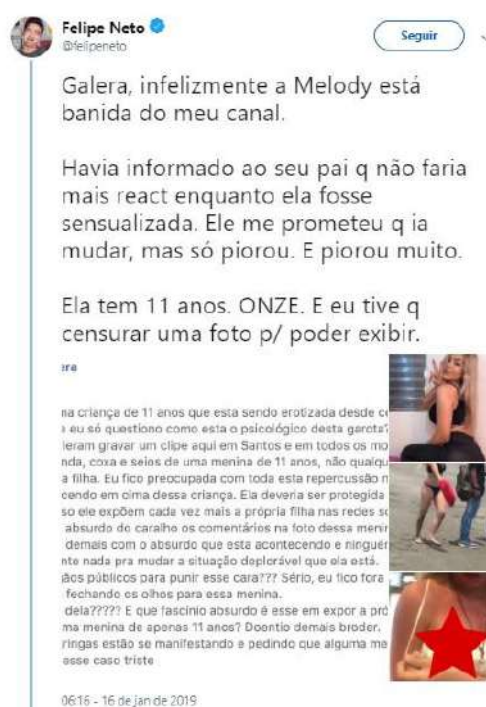
É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária<sup>35</sup>.

Em 2017, o mesmo problema persistia: MC Melody seguia lançando vídeos com apelos eróticos e, ao mesmo tempo, publicava em suas redes sociais fotos sensuais – vestindo biquínis, roupas bem curtas e justas. Em alguns vídeos do *Youtube*, internautas acusam Melody de usar enchimentos nos seios e criticam a postura sensual da criança.

Um fator importante que contribuiu para o sucesso da cantora foi o auxílio do *youtuber* e empresário Felipe Neto, que tem um dos maiores canais brasileiros do *Youtube* (atualmente, com mais de 33 milhões de inscritos). Além de publicar seu próprio conteúdo, o *youtuber* também costumava reagir aos vídeos da MC Melody – ou seja, analisava os vídeos da artista, gerando mais audiência para a menina. Isso ajudou a trazer mais visualizações para Melody e impulsionou ainda mais sua imagem. No entanto, em janeiro de 2019, devido à crescente sexualização da cantora, Felipe Neto resolveu bani-la de seu canal. O empresário fez o seguinte comunicado em sua conta do *Twitter*:

---

35 Disponível em: [https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA\\_2017\\_v05\\_INTERNET.pdf](https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf). Acesso em: 15 de jun de 2019



**Figura 2**  
**Fonte: Twitter oficial do Felipe Neto<sup>36</sup>**

Um dia após fazer esse comunicado no *Twitter*, Felipe Neto fez um acordo com o pai de MC Melody, propondo um acompanhamento psicológico para a cantora e sua irmã. Novamente em seu *Twitter*, o *youtuber* publicou um comunicado explicando todo o combinado que teria feito com MC Belinho:

Felipe propôs um acompanhamento pedagógico e psicológico das cantoras a ser realizado por profissionais especializados em educação infantil. Além disso, uma blindagem dos conteúdos publicados pelas influenciadoras, de apenas 11 e 14 anos, com o intuito de remover todo tipo de publicação que possa comprometer a inocência compatível com suas idades. O objetivo é proteger Melody e Bella e levar um acompanhamento que possa guia-las nesse mundo de superexposição, corrigir seus comportamentos e fazer com que tenham uma vida sempre saudável, física e mentalmente.<sup>37</sup>

No mesmo comunicado, Felipe Neto explicou que o acompanhamento psicológico seria realizado por Sabrina Bittencourt, fundadora da Escola com Asas e do programa

<sup>36</sup> Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1085541222549282818/photo/1>. Acesso: 19 de jun. de 2019

<sup>37</sup> Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1086017911741927425/photo/1>. Acesso: 19 de jun. de 2019

latino-americano Jóvenes Transformadores. A ideia do acordo é que a profissional trabalhe com uma equipe da área terapêutica, atuando como mentora de MC Melody e de sua irmã Bella Angel. Sabrina Bottencourt fez o seguinte comunicado com relação a esse acordo: “Nossa proposta é co-criar experiências relevantes, garantir formas delas serem respeitadas como meninas e que suas exposições tenham uma influência positiva na vida de milhões de crianças e jovens do país”.<sup>38</sup> Após a confirmação do acordo, MC Melody apagou diversas publicações de suas redes sociais – fotos do *Instagram* em que aparecia de forma sensualizada e *posts* antigos do *Facebook*. Além disso, algumas publicações da cantora mirim, atualmente, estão bloqueadas para qualquer tipo de comentário.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1086017911741927425/photo/1>. Acesso: 19 de jun. de 2019

## 6. Conclusão

Em suma, pode-se dizer que a cultura do estupro é uma realidade comprovada por dados, fatos históricos e pode ser reconhecida facilmente em detalhes do dia a dia. A forma como os relacionamentos são construídos (sejam eles amorosos ou não) e até mesmo as interações nas redes sociais deixam claro a existência de um ambiente hostil para o público feminino. As meninas celebridades, neste caso, ficam ainda mais expostas e sofrem assédios de forma cotidiana, de inúmeras maneiras. O relato da atriz Natalie Portman, sobre a violência que sofreu aos 12 anos de idade, em seu primeiro trabalho, evidencia como as mulheres, de fato, não estão seguras desde a infância. Além disso, situações como essa revelam pontos ainda mais sombrios, trazendo para o debate a discussão sobre pedofilia e a violência sofrida pela criança.

Este trabalho foi uma contribuição para o entendimento dos fenômenos da cultura do estupro e da erotização infantil. Uma das pesquisas citadas neste estudo – realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2014<sup>39</sup> – revelou que 58,5% dos entrevistados concordavam com a frase “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”. Essa é uma evidência de que a mulher, de fato, encontra-se em uma posição submissa ao homem, sendo culpabilizada até mesmo quando é vítima de crimes cruéis.

Nesta conjuntura, as meninas tornam-se alvos ainda mais frágeis, principalmente nos dias atuais, em que o meio virtual (incluindo as redes sociais) funcionam como potencializadores de crimes e assédios. Este trabalho também comprovou como a erotização infantil foi um fenômeno construído historicamente. De acordo com Jane Felipe (2006), a criança foi vista como um ser puramente ingênuo e delicado por muitos anos, até que os estudos de Freud e as revelações da psicanálise mostraram uma nova perspectiva de sexualidade infantil. Em muitos setores da mídia, a criança também passou a ser retratada de forma sexualizada, transmitindo a imagem de menina-adulta e sensual.

A pressão estética construída pela mídia e a imagem da “criança-adulta”, muitas vezes presente em peças publicitárias, foram pontos-chave para o estudo de Maisa Silva. A “criança prodígio” do SBT sempre esteve à mercê de julgamentos do público, estando vulnerável para situações de assédio nas redes sociais. Ademais, a análise da relação tóxica

---

<sup>39</sup> Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf). Acesso em: 21 de jun. de 2019

construída entre a atriz e o apresentador Silvio Santos, evidenciada nas inúmeras participações de Maisa no Programa Silvio Santos, foi fundamental para revelar o machismo e os assédios sofridos pela apresentadora mirim.

Com o estudo da imagem de MC Melody, por sua vez, pôde-se exemplificar, de forma mais clara, como a erótica infantil se constrói nos dias de hoje. As imagens sensuais, objetificadas e os vídeos polêmicos publicados pela cantora mirim demonstram como este é um problema profundo, que rende muitas análises e estudos futuros.

Por meio da análise de duas crianças celebridades com histórias completamente distintas, foi possível identificar dois comportamentos diferentes diante da mesma problemática. Enquanto Maisa se posiciona de forma combativa, expondo os assédios que sofre, tomando para si lutas da causa feminista, MC Melody se mostra mais distante dessas questões. A hipótese construída é a de que Melody não percebe essa realidade erotizada a qual ela é submetida. Vale destacar que a cantora ainda tem 12 anos de idade e uma trajetória bem diferente da de Maisa.

Ademais, este estudo buscou trazer informações sobre os Direitos da Criança, presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente. Afinal, para que a análise fique completa, é importante manter em mente que o público infantil é protegido pela Constituição brasileira. Apenas com essas informações, é possível identificar quando tais direitos são descumpridos – como no caso do pai de MC Melody, que (como citado) foi acusado pelo Ministério Público de quebrar o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente, expondo a artista a situações de erotização.

A análise de notícias, *posts*, vídeos, passagens das carreiras e polêmicas envolvendo as duas artistas mirins serviu para expor, com maior clareza, como a cultura do estupro e a pedofilia se camuflam em detalhes escondidos na mídia. Muitos comentários ofensivos e invasivos foram identificados nas redes sociais – principalmente nas de Maisa, tendo em mente que os perfis de MC Melody foram filtrados no início deste ano. Com o suporte do empresário e *youtuber* Felipe Neto, a cantora mirim apagou suas postagens mais eróticas e sensuais (tanto do *Instagram* quanto do *Facebook*), e também bloqueou os comentários em algumas de suas publicações. O fato de que a artista terá, a partir deste ano, um acompanhamento psicológico e uma mudança de representação e comportamento pode ser considerado um avanço na luta contra a cultura do estupro.

Diante dos fatos abordados, é possível afirmar que este trabalho cumpriu bem o debate ao qual se propôs. Os objetos de estudo serviram para exemplificar os conceitos e

temas abordados na primeira parte do trabalho, mostrando como a cultura do estupro e a pedofilia estão presentes na mídia e no cotidiano de muitas mulheres e crianças.

Vale destacar, no entanto, que esta análise não encerra o estudo dos fenômenos abordados. É possível realizar outras análises acerca da cultura do estupro, da pedofilia e da violência contra a mulher. O tema “erotização da infância” também abre espaço para outros estudos. É possível, por exemplo, abordar outros objetos de estudo (para além de Maisa Silva e MC Melody), tais como as celebridades Larissa Manoela, Millie Bobby Brown e outras tantas meninas que possuem grande influência na mídia.

## 7. Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. In: Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001.
- BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BORIS, Georges; CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. In: **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, p. 463 – 464, 2007.
- BRAGA, Adriana. Corpo, Mídia e Cultura, In: **Revista Razón y Palabra**, p. 6, 2009.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de Papel, a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. Volume I, São Paulo: Summus Editorial, p. 130, 2009.
- CÂMARA, Adriane. Masculinidade heterossexual e pedofilização: apontamentos iniciais para um debate. In: **Revista Ártemis**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, p. 52, 2007.
- CARNEIRO, Vânia. Participação da criança na mídia: direitos e desrespeitos. Curitiba: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, p. 56, 2009.
- DRIESSENS, Oliver. **The Celebrization of society and culture**. **International Journal of Cultural Studies**, In: **International Journal of Cultural Studies**, v.16, n. 6, 2013.
- FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo?. In: **Revista PAGU**, Campinas, p. 204 – 208, 2006.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. In: **Pro-Posições**, v. 14, p. 124, 2003.
- FLORES, Alice et al. Erotização e Infância: as duas faces da publicidade. In: **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 3, 2011.
- FREIRE, João. Correntes da Felicidade: emoções, gênero e poder Happiness Chains: emotions, gender and power. São Paulo: MATRIZES, v. 11, n. 1, p. 75, 2017.
- GARCIA, Carla Cristina. A Cultura do Estupro e os Novos Bábaros do Patriarcado. In: PEREIRA, Beatriz; MELO, Mônica (orgs.). **Estupro: perspectiva de gênero, interseccionalidade e interdisciplinaridade**. São Paulo: Lumen Juris, p. 12 – 25, 2018.
- IOP, Elizandra. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. In: **Revista Visão Global**, v. 12, Joaçaba, p.233, 2009.
- MAIA, Marina Sávia Germano. Infância e erotização na sociedade de consumo: Análise da campanha publicitária da marca cearense Couro Fino. In: Congresso Internacional Comunicação e Consumo. PPGCOM ESPM-SP, São Paulo, p. 10, 2015.
- MOLE, Tom. **Byron's romantic celebrity: industrial culture and the hermeneutic of intimacy**. In: Palgrave Macmillan, 2007.
- MOREIRA, Vivian; ROMÃO, Lucília. Discursos em Movimento: Considerações Sobre a Pedofilia e Pornografia Infantil na Rede. In: **PSICO**, Ribeirão Preto, v. 43, n. 4, p. 464, 2012.



PINTO, Danilo Corrêa. Corpo feminino, discursos, memória discursiva e identidades: Desfile das Escolas de Samba do Carnaval carioca. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade. Unicamp, Campinas, 2012.

SAMARÃO, Lilianny. O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. In: **Contemporana**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 47, 2007.

SILVA, Cristiane; TESSAROLO, Felipe. Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. São Paulo: Intercom, p. 5, 2016.

WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. In: **Educação & Realidade**, v. 24, n. 2, p. 79, 1999.